

QUEM SÃO OS REBELDES, AFINAL?
A REBELIÃO INTERNA NO MPLA EM 1977 E AS CONFUSÕES NO
NOTICIÁRIO DE ZERO HORA E CORREIO DO POVO.

MAURO LUIZ BARBOSA MARQUES¹

O presente artigo buscar analisar as dicotomias e as abordagens contraditórias dos periódicos gaúchos Zero Hora e Correio do Povo² durante a crise interna do MPLA³, partido governante em Angola no ano de 1977.

Angola foi a principal possessão lusitana até 1975 – ano da ruptura colonial angolana -, quando a partir de um cenário marcado por violentas disputas internas e externas, parte do contexto internacional daquele período, houve caminhos e descaminhos na consolidação deste novo Estado Nacional pós colonização, especialmente entre os anos 1975 e 1979 quando Agostinho Neto⁴ e o MPLA comandaram o primeiro governo independente contemporâneo de Angola.

Um destes fatores de consolidação política de um novo Estado Nacional se deu na disputa da esfera superior de poder no interior do MPLA durante a condução do Estado Nacional, em maio de 1977. Algo tradicional, em especial na tradição africana contemporânea permeada com debilidades nas estruturas estatais e disputas palacianas.

¹ Mestre em História pela UFRGS (Porto Alegre/RS) atua na rede pública estadual e municipal na cidade de São Leopoldo (RS).

² Estes periódicos tinham grande circulação estadual e somados tinham uma tiragem superior a cem mil exemplares no período analisado por esta pesquisa, conforme informado na capa dos mesmos (nota do autor).

³ O médico e poeta Antonio Agostinho Neto formou o MPLA (Movimento Popular para Libertação de Angola), que tinha como referência o bloco socialista e contou com o apoio decisivo da URSS e dos cubanos na hora da ruptura com Portugal em novembro de 1975. Desta forma, assumiu um governo unipartidário e enfrentou grupos guerrilheiros opositores no território angolano durante anos. Neto governou em ter 1975 e 1979, ano no qual faleceu na URSS, após cirurgia (LINHARES, 1983, p. 100 a 102).

⁴ Nascido em 1922, Antonio Agostinho Neto era proeminente no movimento cultural nacionalista e acabou engajado na luta anticolonialista e democrática a partir de organizações juvenis em Portugal, onde cursou Medicina. Várias vezes foi preso pela repressão salazarista. Em 1956 ajudou a fundar o MPLA, organização que travou diversos confrontos armados antilusitanos através de guerrilhas. Preso novamente em 1960 em seu consultório na capital angolana, Neto só voltou a Angola em fevereiro de 1975 na reta final da independência. (Dados biográficos presentes em <http://www2.ebonet.net/MPLA/bio_anetohtm# dados > acesso em 11/7/2006).

Angola tinha certa centralidade nos noticiários e nos debates políticos internacionais, pois a partir de 1975 a consolidação do novo Estado Nação angolano e a implantação de um modelo sócio-econômico proposto por Neto e o MPLA em um contexto de guerra civil interna e agressão externa foi uma temática de grande destaque nos veículos de imprensa, pois incorporava uma série de elementos da política e das relações internacionais em um período marcado por conflitos e guerras que colocavam frente a frente dois modelos distintos de sociedade e, portanto, acabava sendo de interesse para uma parte da sociedade naquele momento.

A imprensa abordou significativamente os acontecimentos em Angola, sendo uma fonte possível para utilização, com seus limites, e especialmente podendo ser avaliado o conteúdo destes veículos como tema de interesse histórico. Desta forma se reforça o uso das fontes jornalísticas as quais, segundo DE LUCA (2005), foram secundarizadas ou reduzidas em sua importância como fonte histórica por muito tempo.

O resgate das mesmas como fonte de estudo, acontecida no final do século passado, além da significativa importância, combinou-se com os novos olhares que os historiadores passaram a ter sobre as fontes historiográficas.

Neste sentido, este artigo analisa o conteúdo de Zero Hora e do Correio do Povo durante a crise do MPLA, quando diversas interpretações e conclusões opostas eram colocadas dia após dia sendo, de fato, um curioso exemplo dos limites e cuidados que os historiadores devem ter com as fontes de imprensa, sendo sempre necessários os devidos contrapontos e cruzamentos de informações.

Em maio de 1977, uma importante crise interna se deu a partir de divergências no Comitê Central do MPLA. Como centro político do novo Estado Nacional, a crise do MPLA e sua divisão interna teve grande destaque na imprensa naquele momento.

No Correio do Povo (CP)⁵, Angola retornou às matérias destacadas na capa - depois de muitos meses sem aparecer na primeira página - nos dias do noticiamento da

⁵ O jornal Correio do Povo tem sua fundação em 1895, sendo portanto uma entidade empresarial centenária. O Sr. Caldas Júnior, sergipano, com experiência em outros jornais, levantou capital necessário para empreender o início do Correio entre o comércio da cidade de Porto Alegre. O nome escolhido se dá em função de uma mudança ocorrida naquele período na imprensa gaúcha, marcada até então por jornais claramente de tendências partidárias. O CP se apresentou ao público como “órgão de nenhuma facção partidária, que não se escraviza a cogitações de ordem subalterna [e que] vai ser feito para toda a massa, não para determinados indivíduos de uma facção”. (RUDIGER: 1993, p. 58).

rebelião interna e embora não tenha sido uma notícia com fôlego para muitos dias, teve seu espaço bastante destacado, como será analisado.

Na capa de 28/5/77, CP anunciou que “Cubanos ajudam Agostinho Neto a vencer uma revolta em Luanda”. Inicialmente, CP e a matéria divulgada com fontes de Lisboa (AP-UPI), considerou a crise como uma revolta militar “contra o regime marxista” do MPLA, mas esta avaliação foi sendo modificada nos dias seguintes, incluindo aspectos mais ideológicos e mesmo raciais, ou ambos, conforme os textos claramente identificam:

A rebelião começou durante a noite, quando grupos de soldados exigiram a libertação de dois líderes da Ala Nacionalista Negra do MPLA. Ambos foram afastados do Comitê Central e presos na semana passada, por terem criticado publicamente a crescente influência cubana e soviética em todos os níveis do governo angolano.

O conjunto da notícia prioriza deixar claro que as “tropas legalistas” dominam a situação, os meios de comunicação e sufocaram a rebelião. Os rebeldes foram assim caracterizados nesta edição:

Os rebeldes se apoderaram inicialmente da estação de Rádio Nacional e começaram a transmitir apelos para uma manifestação em apoio “ao poder do povo”. Em Angola, essa frase é associada aos extremistas negros que se opõem à ala pró-soviética do MPLA, cuja liderança é exercida por mulatos.

A matéria conclui com “especulações de fontes ocidentais”:

Fontes ocidentais consultadas hoje em Johannesburgo na África do Sul, disseram que a rebelião em Angola pode ter sido insuflada por setores que não concordam com a política de Agostinho Neto de reaproximação com o Ocidente. Outras fontes, do governo sul-africano, levantaram, porém a possibilidade de que o conflito tenha raízes raciais, uma vez que Agostinho Neto é mulato e estaria enfrentando forte oposição por parte da população negra. Apesar das declarações oficiais conhecidas até agora, ainda está difícil tirar conclusões ideológicas mais objetivas sobre a principal motivação do levante armado.

Apesar desta dificuldade para as “conclusões ideológicas mais objetivas”, as especulações e idéias a cerca da motivação do conflito, de forma bastante precipitada pela carência de fontes – foi usada como fonte até o governo de fronteira inimiga, a África do Sul – foram divulgadas nesta edição de forma incisiva. No dia seguinte, CP pagou o preço pela precipitação e a análise foi exatamente oposta:

O anúncio do presidente, divulgado pela Rádio de Luanda, ocorreu depois de sucessivos comunicados do governo nos quais este garantiu que tinha sido “totalmente derrotado” o levante tentado ontem por membros esquerdistas do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) (“Tropas de Angola caçam participantes da revolta”, 29/5/77, capa).

Agora, nesta matéria do CP, os rebeldes eram membros “esquerdistas”. Já apareciam nomes dos líderes e novas motivações opostas à edição anterior:

O presidente angolano não mencionou a sorte dos ex-oficiais do MPLA, acusados de instigar a revolta. Os dois – o ex-ministro do Interior Nito Alves e o ex-comissário político Jose Van Dunen – estavam na cadeia municipal quando começou a rebelião. Os dois, ambos pró-Moscou, foram presos no dia 21 deste mês depois de terem sido expulsos do Comitê Central do partido governante, por serem nitidamente partidários da linha soviética.

Ao mesmo tempo em que a matéria trata como indefinida o paradeiro dos rebeldes, traz uma nova avaliação: agora os rebeldes eram pró soviéticos e não “negros que desejavam se afastar da influência soviética”, definições opostas colocadas em duas edições seqüentes. Isso foi reconhecido pela matéria:

(...) as versões iniciais sobre as causas do levante indicaram que tanto Nito Alves como Jose Van Dunen, membros da chamada ala Negra do MPLA, protestaram no Comitê Central do MPLA contra a crescente influência da União Soviética sobre o regime de Neto, apoiado pelas tropas cubanas que assumiram o controle da ordem pública em Luanda (...).

A matéria ainda destacou as medidas violentas sugeridas por Neto e deu voz ao presidente, na perspectiva de punidor:

Presumo que o povo compreenda que somos obrigados a reagir com uma certa crueldade, porque precisamos tratar drasticamente algumas pessoas que tentaram hoje romper a paz de nossa capital com intenção de dar ao imperialismo a oportunidade de atacar outra vez nosso movimento, nosso povo e nossa pátria.

A voz punitiva de Neto também colocava povo, pátria e movimento no mesmo patamar, bastante importante num momento de consolidação de um novo Estado Nacional, especialmente com um governo unipartidário.

CP e suas fontes, também destacaram a oposição do grupo rebelde (com múltiplas caracterizações sobre o mesmo) em relação a aproximação de Angola com parte do mundo ocidental pois, segundo as fontes deste periódico, os rebeldes desejavam laços exclusivos com Cuba, URSS e Estados radicais do Terceiro Mundo.

Em 31/5/77, os rebeldes foram chamados como “dissidentes esquerdistas” e nesta avaliação foi incluída a questão racial como determinante da crise interna:

Na ocasião do golpe, surgiram insinuações de que as diferenças raciais, mais do que as motivações ideológicas, tinham provocado a rebelião. Os dois dirigentes expulsos do MPLA, ardorosos defensores da linha pró-Moscú, tinham se oposto à inclusão de mulatos e brancos no governo (“Agostinho Neto teme confusão nas províncias após a revolta”, p. 2).

Com essas dúbias definições e sem a voz dos rebeldes em nenhuma das edições, CP concluiu a cobertura deste episódio em Angola. No mês seguinte, veio a tona a relação entre os rebeldes em Angola e a extrema esquerda portuguesa:

O ex-ministro do Trabalho de Portugal, José Costa Martins, foi detido em Angola e acusado de participar no fracassado golpe contra o governo marxista angolano (...) o presidente angolano Agostinho Neto denunciou “íntimas ligações entre radicais angolanos e portugueses extremistas” na revolta, não fornecendo os nomes dos portugueses envolvidos (“Ex-ministro português preso após apoiar golpe em Angola”, 11/6/77, p. 2).

Na cobertura de CP, uma série de avaliações foram aparecendo, por vezes opostas uma das outras, demonstrando debilidade das fontes e mesmo insuficiência das

mesmas. Isso não impediu um esforço de tentar fazer especulações e análises, independente das conseqüências disso. Mas o que pode justificar tamanha diferença de análise em dias seguintes sobre o mesmo fato?

Este número excessivo de definições e qualificativos aos atores da notícia, segundo GRAZZIOTIN, prova a impossível imparcialidade no conteúdo dos periódicos, pois “sempre existe uma tomada de posição, a escolha por uma ou outra palavra, um outro termo, que julga (condena ou salva) o objeto do texto e dá a marca de quem o escreveu”.⁶

Nesta perspectiva, ABRAMO lembra que esta manipulação de notícias ocorre diversas vezes nos periódicos, mas nem sempre de forma tão explícita como neste episódio. Para o autor,

“(...) cada leitor tem, para si, uma imagem da realidade, que na sua totalidade, não é real. É diferente e até antagonicamente oposta à realidade. A maior parte dos indivíduos, portanto, move-se num mundo que não existe, e que foi artificialmente criado para ele justamente a fim de que ele se mova nesse mundo irreal. A manipulação das informações se transforma, assim, em manipulação da realidade (1991, p. 16).

Esta grau de manipulação, nem sempre maquiavélico, mas por vezes natural no cotidiano das redações, se opõem até pelo descuido e pela falta de método adequado ao conceito e ao espírito de jornalismo destacado por MORETZSOHN como “o ideal iluminista de esclarecer os cidadãos” (2007, p. 13). Neste caso, o CP na cobertura desta crise esteve bem longe de esclarecer e mais próximo de confundir os leitores.

O segundo periódico analisado, Zero Hora (ZH)⁷, por sua vez, teve mais cuidados com manobras em uma notícia com fontes insuficientes como essa, se comparado com as notícias do CP. Em 28/5/77, já foi destacado em manchete que “Angola sufoca uma rebelião dos radicais”, onde aparece alguma semelhança com o

⁶ Conforme artigo “Imprensa: considerações para seu uso como fonte histórica” presente em < <http://www.semina.clio.pro.br/4-1-2006/Francine%20Grazziotin.pdf> > acesso em 10/7/2007.

⁷ Zero Hora já circulava desde 1964 em substituição ao jornal ‘Última Hora’, fechado pelo regime militar que se instalou no Brasil naquele ano. O controle acionário da família Sirotsky – atual controladora – se consolidou em 1969. Na sequência, ZH acabou se somando a Rádio e TV Gaúcha, formando o conglomerado RBS (Rede Brasil Sul de Comunicações), segundo em comunicação no Estado naquela altura (FONSECA: 2008, p. 154).

conteúdo do CP – em especial pelo uso de mesmas fontes -, mas difere por não afirmar categoricamente ser uma rebelião “anti-marxista” e por definir os insurretos como “ultranacionalistas”:

As forças leais ao presidente Agostinho Neto com o apoio das tropas cubanas sufocaram ontem uma rebelião militar contra o MPLA depois de combates generalizados nas ruas de Luanda. (...) A rebelião começou durante a noite, por parte de facção do Exército que exigia a libertação de Nito Alves e José Van Dunen, líderes da ala ultranacionalista do MPLA, que foram afastados da Comissão Central do movimento, na semana passada depois de criticarem em público o aumento da influência soviética sobre o governo. Correram informações de que Alves e Van Dunen tinham sido libertados ontem, mas as últimas notícias chegadas de Luanda, lançam dúvidas quanto a esta possibilidade. O vespertino A Capital, de Lisboa, publicou a notícia não confirmada de que Alves fora fuzilado ao meio-dia. Alves, a princípio era considerado pró-soviético, mas após a vitória do MPLA, afastou-se do grupo marxista ortodoxo de Neto e alinou-se com os ultranacionalistas (p. 12).

Segundo a matéria, os “pró-soviéticos” eram integrados especialmente por mulatos, fator de oposição dos ultranacionalistas, não vistos como radicais opositores da URSS, mas no máximo “críticos” desta influência. Estes termos não foram encontrados na abordagem do CP, assim como nenhum tipo de comentário sobre fuzilamento de qualquer liderança rebelde foi encontrada nas edições do CP. Também a matéria de ZH dá mais detalhes da crise nas ruas de Luanda, inclusive com o fechamento do aeroporto.

Este episódio trata-se de um bom exemplo de como, mesmo usando as mesmas agências como fonte, os periódicos podem, por diversos motivos, terem abordagens com importantes diferenças, embora também contenham semelhanças na abordagem.

Na edição seguinte, a notícia sobre a crise angolana foi breve: poucas frases sem nenhuma novidade expressiva, mas ZH chega a referendar a visão inicial de CP quanto a causa da revolta interna do MPLA:

Os elementos ultranacionalistas protestam contra a crescente influência da União Soviética sobre o regime de Agostinho Neto – apoiado por milhares de soldados cubanos, que assumiram o controle da ordem pública em Luanda, depois de esmagada a tentativa de golpe (...) (“Prontidão total em Angola”, 29/5/77, p. 12).

Uma matéria de pequeno destaque também não se importou em ser mais detalhada nas causas da revolta. Na edição seguinte, ZH não deixou de colocar seus requintes da barbárie do acontecido, como era costume deste periódico neste período de sua existência:

O presidente de Angola, Agostinho Neto, disse que o ministro da Fazenda, Saydi Mingas, e outros cinco dirigentes do MPLA foram “queimados vivos” pelos responsáveis pela fracassada rebelião de sexta feira passada. De acordo com o cálculo angolano, a rebelião custou a vida de cerca de 100 pessoas. E um discurso feito em Luanda, captado em Londres, Neto disse que os seis corpos carbonizados dos assessores do governo foram descobertos entre restos de automóveis incendiados. Neto iniciou sua mensagem de 20 minutos de duração dizendo que era doloroso dever informar o povo do assassinato das seguintes pessoas: (...) (“Número de mortos em Angola chega a 100”: 30/5/77, p. 12).

Tendo a descrição da barbárie como fundo – algo ausente no CP -, ZH não se importou nesta matéria em discutir as causas da revolta em Angola. Na edição seguinte, no corpo da matéria, aparece expressão idêntica a de CP como “dissidentes esquerdistas” e ainda, os rebeldes seriam agora “adeptos fervorosos da linha de Moscou”:

Os dois dirigentes negros do golpe (...) continuam foragidos. Algumas versões indicavam que tinham sido capturados. Neto, que é mulato, disse domingo à noite num discurso pelo rádio captado em Johannesburgo que o povo poderá se sentir confuso com a luta interna do MPLA, que governa o país. (...) A agência Associated Press insinua que foram mais diferenças raciais do que considerações ideológicas que motivaram o golpe. Os dois expulsos, adeptos fervorosos da linha de Moscou, tinham objetado contra a inclusão de mulatos e brancos no governo. Sabe-se, além disso, que estavam em desacordo com a política de Neto e conseguir a volta dos técnicos portugueses para reativar a economia e contrabalançar a presença de 12 mil soldados e conselheiros cubanos em Angola (“Repercussão do golpe angolano”, 31/5/77, p. 15).

Nesta matéria, aspectos políticos se misturam com questões de fundo racial com bastante confusão, mesmo a cor de pele de Neto e dos foragidos se destaca no texto, um tema nunca citado nas notícias sobre Angola durante anos, desde antes do processo de independência.

Na edição seguinte, além de repetir uma série de informações da edição de 31/5/77, ZH inclui a seguinte informação:

Depois da fracassada rebelião da semana passada, o Governo angolano prendeu mais de 100 pessoas, entre elas o sub-chefe do Estado Maior do Exército, informou a imprensa sul-africana. Segundo um funcionário do MPLA o presidente Agostinho Neto disse que os dirigentes do movimento rebelde que, tudo indica, teve matizes tanto ideológicas como raciais, teriam seguidores em algumas províncias e em organizações de massa, além de participação de estrangeiros (“Governo de Angola prende mais de 100”, 1/6/77, p. 16).

A repercussão da crise política no jovem Estado Nacional,⁸ com as características típicas de uma crise como qualquer outro Estado mais consolidado foi uma marca da maturidade de Angola, de certa forma. A cobertura em ZH e no CP, embora não tão esclarecedora, deu um destaque significativo ao evento. As dúvidas sobre as raízes do conflito assim ficaram, pois o tema, por estar fora da pauta de interesse ou de prioridade, não voltou a ser tocado pelos periódicos nos meses seguintes.

FILHO, ao abordar sobre esta revolta interna do MPLA de 1977, denominando a revolta como ‘nitista’, confirma a questão racial como determinante, conjugada com críticas da condução do Estado Nacional:

Até o fracassado golpe de Estado realizado pelos nitistas, em maio de 1977, eles continuam a se opor à política da facção hegemônica no MPLA e ao número de brancos e mestiços no poder, participação que consideravam desproporcional. Os nitistas protestaram contra a pouca austeridade de uma “nova burguesia”, em especial de mestiços e brancos, que estava a se formar entre os funcionários públicos, alienando os interesses das camadas populares urbanas predominantemente negras. Percebia-se, aí, uma crítica

⁸ Cabe ressaltar que em ZH também foi destacada a prisão do ex-ministro português como em CP (“Ex-ministro de Portugal detido em Angola, 11/6/77, p. 12), com conteúdo semelhante (nota do autor).

a muitos, que tendo lutado contra a opressão portuguesa, visavam permutar os seus papéis de subalternos pelos de dominadores na nova sociedade independente (1998, p. 245).

No mesmo sentido, a perspectiva de disputa de poder estava colocado, segundo SANTOS, pois “Nito Alves e seus partidários elaboraram uma estratégia que se deveria iniciar pela construção de uma estrutura paralela com o objetivo de controlar certas instituições no seio do aparelho de Estado e do partido único (1997, p. 212)”.

Sufocar a rebelião interna foi mais um passo no caminho do MPLA para consolidar-se no comando do Estado Nacional angolano e a frente dos desafios de seu fortalecimento, ainda longe da estabilidade.

Do ponto de vista do uso das fontes jornalísticas, este exemplo da cobertura da revolta interna do MPLA em maio de 1977 é uma alerta aos pesquisadores sobre a importância de ampliar sempre as fontes de pesquisa, paralelas ao uso dos conteúdos dos noticiários de periódicos quando estes forem uma delas.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ABRAMO, Perseu: Significado político da manipulação na grande imprensa. IN: **Fragmentos de Cultura**. Goiânia: IFITEG, 1991.

ALENCASTRE, Amílcar. **América Latina, África e Atlântico Sul**. Rio de Janeiro: Ed. Paralelo, 1980.

BENITES, Sônia Aparecida Lopes: A História contada nas páginas de jornais. IN: **Revista Letras**. Curitiba, Ed. da UFPR, 2001.

CHALIAND, Gerard. **A Luta pela África**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

COMITINI, Carlos. **África Arde**. Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1980.

DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. IN: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Ed. Contextos, 2005.

FILHO, Sílvio de Almeida C. A desilusão com o socialismo em Angola. Uma leitura através da narrativa literária (1975-1985). IN: **Ciências e Letras – Revista da FAPA**. Nº 21/22, Nov. 1998, Porto Alegre: Ed. Edelbra, 1998.

FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira. **Indústria de Notícias: capitalismo e novas tecnologias no jornalismo contemporâneo**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

- LINHARES, Maria Yedda. **A Luta contra a Metr pole**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando Contra os Fatos**. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2007.
- READER, John. **África: Biografia de um Continente**. Lisboa: Publica es Europa-América, 2002
- RUDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1993.
- SANTOS, Daniel dos. Sociedade política e forma o social angolana (1975-1985) IN: **Estudos Afro-Asiáticos**. N  32, Dez. 1997, Rio de Janeiro: Ed. Universidade Cândido Mendes, 1997.
- SANTOS, Fernando B. **Angola na Hora Dramática da Descoloniza o**. Lisboa: Ed. Prelo, 1975.
- VISENTINI, Paulo G, Fagundes. A África independente/1945-98: processos políticos, desenvolvimento e rela es internacionais. IN: **Ciências e Letras – Revista da FAPA**. N  21/22, Nov. 1998, Porto Alegre: Ed. Edelbra, 1998.